

Análise da repercussão da maternidade na adolescência sobre a escolaridade: estudo retrospectivo

Rogevando Rodrigues Nunes

Elaine Saraiva Feitosa

Ana Maria Fontenelle Catrib

Aline Veras Morais Brilhante

Zélia Maria de Sousa Araújo Santos

Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Resumo

Objetivo. Analisar a repercussão da maternidade durante a adolescência sobre a escolaridade das mulheres entre 40 e 59 anos de idade. **Método.** Estudo transversal, analítico e de coorte retrospectivo, envolvendo 576 participantes, que foram submetidas a uma entrevista semiestruturada. Metade das mulheres foi mãe durante a adolescência e a outra metade experimentou a maternidade somente após esse período. Os dados foram analisados pelo software aplicativo IBM SPSS, versão 20, que inclui o teste do qui-quadrado (X^2) e o teste de Mann-Whitney. **Resultados.** O percentual de conclusão do ensino básico entre as mulheres que engravidaram durante a adolescência foi 15,3%. As mulheres que engravidaram somente após a adolescência conseguiram um percentual de conclusão do ensino básico de 41,3%. **Conclusão.** A gravidez/maternidade durante a adolescência mostrou ser um fator impeditivo para conclusão do ensino básico.

Palavras-chave: Gravidez na Adolescência; Evasão Escolar; Escolaridade.

Analysis of the impact of adolescent motherhood on education: a retrospective study

Abstract

Objective. To analyze the impact of motherhood during adolescence on the education of women between 40 and 59 years old. **Method.** Cross-sectional, analytical, retrospective cohort study involving 576 participants who underwent a semi-structured interview. Half of the women were mothers during adolescence and the other half experienced motherhood only after this period. Data were analyzed using IBM SPSS version 20 application software, which includes the chi-square test (X^2) and the Mann-Whitney test. **Results.** The percentage of completion of basic education among women who became pregnant during adolescence was 15.3%. Women who became pregnant only after adolescence achieved a high school completion percentage of 41.3%. **Conclusion.** Pregnancy/maternity during adolescence has been shown to be a hindering factor for the completion of basic education.

Keywords: Pregnancy in Adolescence; Student Dropouts; Educational Status.

Análisis de la repercusión de la maternidad en la adolescencia sobre la escolaridad: estudio retrospectivo

Resumen

Objetivo. Analizar la repercusión de la maternidad a lo largo de la adolescencia sobre la escolaridad de mujeres entre 40 y 59 años de edad. **Método.** Estudio transversal, analítico y de rasgo retrospectivo, involucrando 576 participantes, que se sometieron a una entrevista semiestructurada. Mitad de las mujeres fue madre en la adolescencia y la otra mitad experimentó la maternidad solo después de este período. Los datos fueron analizados por el software aplicativo IBM SPSS, versión 20, que incluye la prueba del qui-cuadrado (X) y la prueba de Mann-Whitney. **Resultados.** El porcentaje de conclusión de la educación básica entre las mujeres que se quedaron embarazadas en la adolescencia fue 15,3%. Las mujeres que se quedaron embarazadas después de la adolescencia lograron un porcentaje de conclusión de la educación básica de 41,3%. **Conclusión.** El embarazo/maternidad en la adolescencia mostró ser un factor impeditivo para la conclusión de la educación básica.

Palabras clave: Embarazo en la adolescencia; evasión escolar; escolaridad.

Introdução

Os jovens fazem parte de um grupo populacional bastante exposto a fragilidades sociais. Há 1,8 bilhão de adolescentes e jovens de 10 a 24 anos espalhados pelos diversos países, equivalendo a um quarto da população do planeta terra (UNFPA, 2021). A adolescência, período previsto para a conclusão do ensino básico, compreende a faixa etária entre 10 e 19 anos (OMS, 2020).

O percentual de conclusão do ensino básico na população brasileira com 25 anos de idade ou mais está em torno de 48,8%. Na Região Nordeste, esse percentual é 39,9% (IBGE, 2020). Em 2019, 10,1 milhões de brasileiros de 14 a 29 anos não frequentavam a escola e possuíam um nível de escolaridade inferior ao ensino básico completo, sendo que 58,3% eram do sexo masculino e 41,7% do sexo feminino (IBGE, 2020).

Há evidências que o abandono escolar está relacionado ao aumento nas chances de ocorrer uma gravidez na adolescência, porque as jovens ficariam privadas de informações sobre os métodos corretos de prevenção da gravidez (TWINE *et al.*, 2016). Outros estudos realizados durante a adolescência sugerem que existe uma relação direta entre a gravidez nessa fase da vida e as elevadas taxas de evasão escolar (ORUKO *et al.*, 2015; ASNONG *et al.*, 2018).

A gravidez na adolescência é um fenômeno mundial que se encontra vinculado a fatores socioeconômicos, políticos e culturais (MENEZES *et al.*, 2016). É um tema bastante estudado nos últimos anos, porém suas repercussões a longo prazo sobre a escolaridade das mulheres são pouco conhecidas. Sabe-se que um determinado percentual de evasão escolar, durante a adolescência, já irá ocorrer, independentemente de uma gravidez surgida durante esse período (VIEIRA *et al.*, 2017). Evasão escolar é a falta de matrícula para dar continuidade aos estudos formais. Abandono escolar é a descontinuidade do ano letivo após o início deste (SILVA FILHO; ARAÚJO, 2017). Frequentemente, esses dois termos são utilizados como sinônimos.

A taxa de gravidez entre 15 e 19 anos para cada 1.000 adolescentes brasileiras é 62‰. Países como a França e Itália apresentam taxa de 5‰, Canadá e Estados Unidos têm taxa de 11‰ e 20‰, respectivamente. Na América do Sul temos: Chile (41‰), Paraguai (62‰) e Argentina (65‰) (UNFPA, 2019).

Será que a ocorrência da maternidade na adolescência é um fator impeditivo para a conclusão do ensino básico? Para tentar responder a esse questionamento, optou-se por analisar a repercussão da maternidade em adolescentes sobre a escolaridade das mulheres, após chegarem à faixa etária de 40 a 59 anos, através de um estudo retrospectivo. A literatura apresenta uma lacuna sobre a escolaridade das mulheres que foram mães adolescentes, principalmente quando elas estão acima de 40 anos de idade. O objetivo dessa pesquisa é estimular a formulação de políticas públicas mais eficientes.

Método

Realizou-se de um estudo quantitativo, transversal, analítico e de coorte retrospectivo. Nesse tipo de estudo a exposição e o desfecho são mensurados após já terem ocorrido, através de relatos ou registros (ROUQUAYROL, 2018). A pesquisa foi realizada na cidade de Fortaleza, estado do Ceará, localizada na Região Nordeste do Brasil. O trabalho de campo foi realizado durante os meses de junho e julho de 2019 por uma equipe de três colaboradores que passaram por treinamento de cinco dias. Essa pesquisa seguiu todas as diretrizes da Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, que trata de pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade de Fortaleza (Unifor) – COÉTICA sob CAAE 09393819.8.0000.5052 e parecer n. 3.248.287 de 08.04.2019.

A coleta de dados ocorreu junto às pacientes e acompanhantes que procuraram assistência médica ambulatorial em dois hospitais públicos e um serviço de atendimento ambulatorial conveniado ao sistema público de saúde (Hospital Nossa Senhora da Conceição, Hospital e Maternidade Zilda Arns e NAMI: Núcleo de Assistência Médica Integrada, órgão pertencente à Unifor). O serviço público foi escolhido para tornar o grupo de participantes mais homogêneo quanto ao poder aquisitivo.

As mulheres foram inicialmente selecionadas por se encontrarem no local da coleta de dados durante o período de realização da pesquisa. Foram submetidas aos critérios de inclusão: 1) Deveriam ser usuárias exclusivas do sistema público de saúde, por ocasião da adolescência e atualmente; 2) Residir em Fortaleza-Ceará desde os 10 anos de idade, época do início da adolescência; 3) Ter filhos vivos; 4) Idade atual: de 40 a 59 anos. Também foram submetidas a critérios de exclusão: 1) Quando as informações obtidas eram imprecisas, incoerentes ou incompletas; 2) Mulheres que, quando mães adolescentes, não conviveram com seus filhos; 3) Mulheres que nem chegaram a cursar o ensino básico. O ensino básico é constituído pela educação infantil (período que vai de 0 a 5 anos), pelo ensino fundamental (que compreende do primeiro ao nono ano) e ensino médio (constituído por 3 anos de estudo).

Os dados da pesquisa foram coletados através de uma entrevista semiestruturada, com duração aproximada de 45 minutos, contendo 27 perguntas. As participantes foram abordadas sobre dados sociodemográficos, informações acerca de planejamento reprodutivo (delas e de seus genitores), escolaridade alcançada e motivo de interrupção dos estudos. A coleta das informações ocorreu em local privativo e na ausência de terceiros com idade igual ou superior a dois anos, visando deixar as participantes em um ambiente mais favorável para que as respostas fossem mais espontâneas e verídicas.

A faixa etária de 40 a 59 anos foi escolhida para o estudo porque nessa fase da vida muitas oportunidades para melhorar a escolaridade já foram aproveitadas ou perdidas. A partir de 60 anos as mulheres não foram selecionadas para a pesquisa por haver maior probabilidade de lapsos de informações durante a coleta de dados.

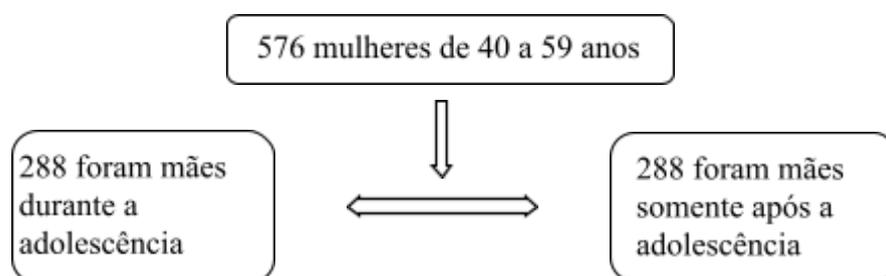
Para cálculo do tamanho amostral, foi previamente estabelecido o valor do nível de significância ou erro α (alfa) em 5% ($z_{\alpha} = 1,645$) e o valor do erro β (beta) em 20% ($z_{\beta} = 0,842$), o que confere ao estudo um poder estatístico de 80%. O teste monocaudal foi utilizado porque havia suspeita que a proporção de mulheres que foram mães durante o período da

adolescência e que conseguiram concluir o ensino básico fosse menor que a proporção de mulheres que foram mães somente após os 19 anos de idade e conseguiram finalizar essa etapa do ensino formal. Na Região Nordeste do Brasil, em 2017, 37,2% das pessoas com 25 anos de idade ou mais possuíam, pelo menos, o ensino básico completo (IBGE, 2018). Nesse estudo considerando-se uma margem de variação de 5 pontos percentuais para baixo e 5 pontos percentuais para cima, há uma diferença de 10 pontos percentuais entre as duas proporções (32,2% a 42,2%).

Aplicando-se a fórmula estatística recomendada para esse tipo de estudo (MONTGOMERY, 2009), o cálculo da amostra resultou em 288 participantes para cada grupo: mulheres que engravidaram durante a adolescência e mulheres que engravidaram somente após esse período.

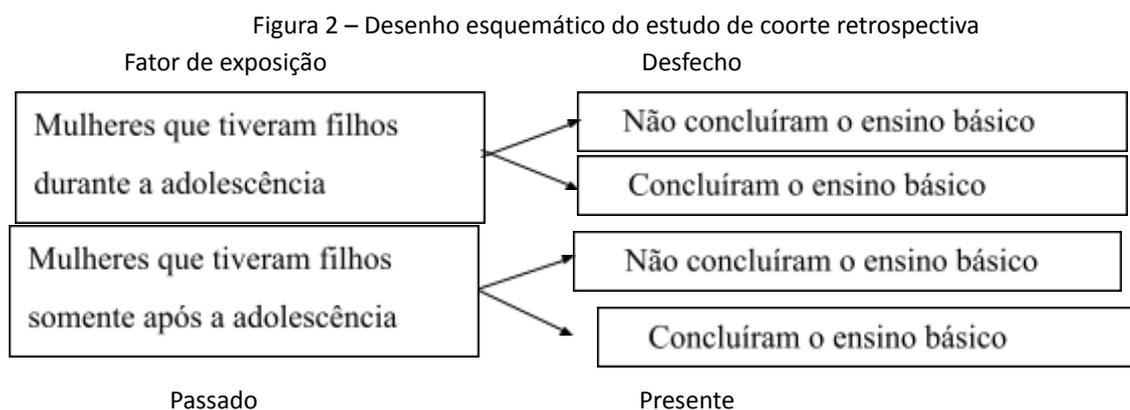
De acordo com a figura 1, foram analisados dois grupos de mulheres, totalizando 576 participantes, sendo que 50% delas foram mães durante a adolescência e 50% tiveram a experiência da maternidade somente após a adolescência.

Figura 1 – Número de participantes da pesquisa.



Os dois grupos foram comparados quanto à escolaridade atual, percentual de abandono do ensino básico e os motivos dessa descontinuidade do aprendizado. Outras características que podem estar relacionadas, de modo direto ou indireto, à educação formal ou ao abandono escolar também foram pesquisadas, como a idade da coitarca (primeira relação sexual), se seus pais tiveram filhos durante o período da adolescência e qual a escolaridade de seus genitores.

De acordo com a figura 2, as participantes da pesquisa tiveram como fator de exposição a gravidez no período da adolescência. O desfecho foi a conclusão do ensino básico.



Fonte: adaptado de Rouquayrol, 2017.

As informações coletadas durante o estudo foram analisadas pelo seguinte software: aplicativo IBM SPSS, versão 20. Esse programa inclui o teste do qui-quadrado (χ^2) e o teste de Mann-Whitney.

Resultados

A tabela 1 mostra informações obtidas durante a pesquisa e avaliadas pelo teste do qui-quadrado (χ^2). Trata-se de um teste paramétrico, recomendado para analisar dados que obedecem a uma distribuição normal.

Tabela 1 – Análise de dados com distribuição normal. Amostra de 576 mulheres de 40 a 59 anos de idade.

Valor χ^2	P-value	Mães antes	Mães somente		
		de 19 anos n = 288	após 19 anos n = 288		
		15,3%	41,3%	48,129	0,000
		56,0%	47,4%	4,025	0,045
		8,7%	14,7%	4,731	0,030
		31,7%	55,7%	33,570	0,000
		16,2%	36,6%	19,194	0,000
		97,9%	71,2%	78,793	0,000
		58,7%	27,4%	57,356	0,000
		39,9%	33,3%	2,189	0,139
		3,5%	4,9%	0,696	0,404
		4,2%	4,2%	0,000	1,000

Fonte: pesquisa do autor.

Diferença estatisticamente significativa se $P\text{-value} \leq 0,05$. X^2 : Teste qui-quadrado.

Foram encontradas cinco participantes que foram mães adolescentes (1,7% das adolescentes) que, na oportunidade do primeiro parto, já haviam concluído o ensino básico. Dez participantes estavam estudando para tentar concluir o ensino básico, durante o período da realização da pesquisa (sete delas haviam sido mães durante a adolescência).

A tabela 2 mostra os dados avaliados pelo teste de Mann-Whitney. Ele é um teste não paramétrico, recomendado para dados ordinais e nominais.

Tabela 2 – Análise de dados ordinais e nominais. Amostra de 576 mulheres de 40 a 59 anos de idade.

	Mães antes de 19 anos n = 288	Mães somente após 19 anos n = 288	Valor U de Mann-Whitney	P-value
Renda individual mensal (R\$)	591,01	657,55	37969,0	0,200
Paridade (número de filhos)	3,70	2,60	23262,0	0,000
Idade da mulher no 1º parto	16,40	22,30	1430,0	0,000
Idade do pai do 1º filho na época do parto	22,60	25,20	26154,0	0,000
Idade da coitarca	15,20	18,70	10518,5	0,000

Fonte: pesquisa do autor.

Diferença estatisticamente significativa se $P\text{-value} \leq 0,05$. Idade: em anos.

Discussão

A razão de chances ou razão de possibilidades (odds ratio; O.R.) é definida como a razão entre a chance de um evento ocorrer em um grupo e a chance de ocorrer em outro grupo. Chance ou possibilidade é a probabilidade de ocorrência desse evento dividida pela probabilidade da não ocorrência do mesmo evento. O O.R. foi utilizado para analisar alguns dados desta pesquisa.

A análise da repercussão da maternidade durante a adolescência sobre a escolaridade das mulheres entre 40 e 59 anos de idade apresentou os resultados discutidos a seguir.

Mulheres que foram mães somente após 19 anos de idade têm 3,9 vezes mais chances de terem finalizado o ensino básico, quando comparadas com as mulheres que foram mães adolescentes.

Mulheres que foram mães adolescentes têm 1,4 vezes mais chances de terem nascido de mães adolescentes, quando comparadas com as mulheres que foram mães somente após os 19 anos de idade. Pesquisa realizada com 169 adolescentes grávidas em 2014 no interior do Rio de Janeiro, Região Sudeste do Brasil, evidenciou que mães adolescentes sofrem influência de suas genitoras que vivenciaram essa situação (MALHEIROS *et al.*, 2017). De acordo com a pesquisa atual as filhas tendem a seguir os passos das genitoras, tendo-as como seus exemplos de vida.

A chance de uma gravidez planejada é 3 vezes maior entre as mulheres que foram mães somente após os 19 anos de idade, quando comparadas com as mães adolescentes. É provável que mulheres adultas acumulem experiências positivas e negativas que lhes permitam equacionar e resolver problemas, tendo um mínimo de planejamento responsável. As adolescentes, muitas vezes, não possuem o discernimento, a maturidade e a vivência para fazer um planejamento bem estruturado da própria vida reprodutiva.

Participantes que foram mães durante a adolescência apresentaram 18,9 mais chances de abandonar o ensino básico, quando comparadas com as mulheres que foram mães somente após esse período. Acompanhando mães adolescentes por dois anos, Timæus e Moultrie concluíram que elas têm 4,4 mais chances de abandonar os estudos (TIMÆUS; MOULTRIE, 2015). Essa diferença de percentual encontrada (4,4 versus 18,9) se deve ao fato de as pesquisas terem sido realizadas em faixas etárias diferentes. O presente estudo acompanhou, de modo retrospectivo, as adolescentes por, pelo menos, 21 anos e o estudo de Timæus e Moultrie observou adolescentes somente por 2 anos.

Um estudo realizado na África entre 2013 e 2016 com 805 participantes adolescentes evidenciou que o abandono escolar foi quase universal dentre as gestantes, sem menção a retorno às atividades discentes (PETRONI *et al.*, 2017). Menezes *et al.*, em um estudo, na região Nordeste do Brasil, encontraram que 80% das adolescentes abandonam a escola após uma gravidez (MENEZES *et al.*, 2016). Essas proporções de abandono escolar são coerentes às encontradas no presente estudo (97,9%), mesmo a adolescência tendo ocorrido em épocas históricas diferentes. Talvez esses resultados semelhantes estejam associados ao fato de todas as participantes residirem em países ou regiões pobres.

Pesquisa realizada em Ribeirão Preto, estado de São Paulo, Região Sudeste do Brasil, evidenciou que 32,5% das mulheres atribuíram a evasão escolar à gravidez durante a adolescência (VIEIRA *et al.*, 2017). Acompanhamento feito com 464 mães adolescentes no

Piauí, Nordeste do Brasil encontrou que para 48,6% delas a principal razão do abandono escolar foi a gravidez (SOUSA *et al.*, 2018). A diferença nos percentuais, provavelmente, está relacionada ao fato que essa atual pesquisa de 2019, na qual 58,7% das mulheres atribuíram o abandono escolar à gravidez/filhos, foi realizada em mulheres com idade de 40 a 59 anos e investigou a influência da gravidez/filhos sobre a escolaridade e as pesquisas de Vieira *et al.* e de Sousa *et al.* foram realizadas com adolescentes, que ainda poderiam engravidar, novamente, antes dos 19 anos de idade. Além disso, a pesquisa de Vieira *et al.* foi realizada no Sudeste brasileiro, uma região bem mais desenvolvida que a Região Nordeste. A realidade entre regiões ou países diferentes pode gerar resultados muito divergentes. É importante a comparação dos achados com os encontrados em regiões ou países em estágios de desenvolvimento semelhantes, para que se possa detectar lapsos nas políticas públicas e para que as cobranças da população sobre as providências governamentais para melhorar esses percentuais sejam mais fundamentadas, concretas e incisivas.

Nesse estudo, menos de 40% das mulheres retornaram à escola para tentar concluir o ensino básico, não havendo diferença significativa entre os dados encontrados nos dois grupos. Esse achado sugere que a maternidade não exerce forte influência no retorno à escola, após abandono.

O percentual de conclusão do ensino básico por parte dos genitores (incluindo mães e pais) das participantes da pesquisa variou entre 3,5 e 4,9, sem apresentar diferença significativa. A escolaridade dos genitores não parece influenciar a ocorrência de gravidez/maternidade durante a adolescência de suas filhas.

A paridade do grupo de mulheres que foram mães durante a adolescência foi estatisticamente superior ao grupo de mulheres que foram mães somente após 19 anos. Esse resultado pode estar associado ao período mais prolongado de atividade sexual das jovens mães, pois iniciaram a vida sexual mais cedo que o outro grupo estudado.

A idade do pai do primeiro filho das mulheres que foram mães adolescentes (22,6 anos) pode sugerir que elas estavam procurando segurança emocional ou financeira, envolvendo-se com parceiros 5,9 anos mais velhos.

A idade da primeira gravidez esteve associada à época da coitarca. As mulheres que foram mães adolescentes engravidaram, pela primeira vez, 6 meses após iniciarem a atividade sexual. As que foram mães somente após os 19 anos de idade engravidaram pela primeira vez 34 meses após a primeira relação sexual, ocorrida aos 18,7 anos, em média.

Esse resultado sugere que quanto menor a idade da mulher, menor o intervalo entre a coitarca e a primeira gravidez. Essa diferença temporal pode refletir um melhor planejamento por parte do grupo de mulheres que foram mães somente na fase adulta. Vieira *et al.* também relacionaram a primeira gravidez à época da coitarca (VIEIRA *et al.*, 2017). O início da atividade sexual não precisa determinar uma gravidez a curto prazo. É importante que haja uma política de utilização de métodos contraceptivos acessíveis e eficazes.

Um estudo com 200 adolescentes grávidas em Ribeirão Preto, São Paulo, Região Sudeste do Brasil evidenciou que 21% das participantes já haviam concluído o ensino básico (VIEIRA *et al.*, 2017). Essa diferença com a atual pesquisa (1,7%), provavelmente, está relacionada ao fato de haver uma lacuna de até 40 anos entre as épocas que as participantes dos dois estudos se encontravam na fase da adolescência. Além disso, houve uma grande diferença na taxa de conclusão do ensino básico entre as regiões Nordeste (39,9%) e Sudeste (54,5%) do Brasil, em 2019 (IBGE, 2020). É como se essas duas pesquisas tivessem sido realizadas em dois países com realidades educacionais diferentes.

A gravidez/maternidade nesse período está relacionada a várias consequências como desestruturação familiar, empregos informais, dependência financeira do parceiro e abandono escolar (ARAÚJO; OLIVEIRA; PORTO, 2018). O distanciamento da escola pode gerar desinformação, violência doméstica e pobreza, porque a mulher não é preparada adequadamente para o mercado de trabalho. A dependência financeira do parceiro pode fazer com que ele se sinta no direito de praticar violência em sua companheira pelo fato de sustentá-la com seu trabalho.

Nos últimos anos a Organização Mundial da Saúde (OMS) tem evidenciado uma tendência a leve decréscimo da taxa de gravidez entre 15 e 19 anos por cada 1.000 adolescentes brasileiras (OPS, 2018). Mesmo com essa redução, o Brasil ainda se encontra em uma posição desconfortável, quando comparado a países desenvolvidos.

Limitações do estudo

Essa pesquisa evidenciou grande prejuízo na escolaridade atual de mulheres que tiveram filhos há 20-40 anos, quando eram adolescentes. Após essa época muitos investimentos vêm sendo feitos pelos governantes no intuito de tentar melhorar esse quadro. Esse estudo apresentou a limitação de não avaliar o resultado de cada uma dessas

intervenções, mas vários números continuam preocupantes, como o baixo percentual de pessoas na Região Nordeste do Brasil, com 25 anos de idade ou mais, que possuem o ensino básico completo 39,9% (IBGE, 2020) e a elevada taxa de gravidez durante a adolescência, no Brasil: 62‰ (UNFPA, 2019). Pesquisas para avaliar a escolaridade das mulheres que foram mães adolescentes necessitam ser realizados, pelo menos, a cada cinco anos, a partir da época da gravidez, na expectativa de evidenciarem um resultado precoce das ações governamentais, visando modificar e aperfeiçoar os planos e estratégias para reverter esse problema.

Conclusão

A gravidez durante a adolescência mostrou-se como um fator impeditivo para conclusão do ensino básico. As taxas de gravidez no Brasil, nessa fase da vida, continuam altíssimas, se comparadas com países desenvolvidos. Os resultados evidenciam que as autoridades não estão enfrentando esse problema com a competência necessária. É importante que haja um planejamento adequado, ousado e bem estruturado para que a gravidez na adolescência e sua influência negativa sobre a escolaridade sejam reduzidas drasticamente no menor espaço de tempo possível.

Referências

ARAÚJO, Anne Jacob de Sousa; OLIVEIRA, Jeane Freitas; PORTO Priscilla Nunes. Gestaçã, abandono escolar e dependência financeira demarcando situações de vulnerabilidades para mulheres. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 10, n. 3, p. 1634-1640. 2018.

ASNONG, Carine; FELLMETH, Garcia; PLUGGE, Emma; WAI, Nan San; PIMANPANARAK, Mupawjay; PAW, Moo Kho; CHARUNWATTHANA, Prakaykaew; NOSTEN, François; McGREADY, Rose. Adolescents' perceptions and experiences of pregnancy in refugee and migrant communities on the Thailand-Myanmar border: a qualitative study. **Reproductive Health**, v. 15, n. 1, p. 1-13. 2018.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio** (PNAD contínua-Educaçã 2017). 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf. Acesso em: 26 ago. 2021.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio** (PNAD contínua-Educaçã 2019). 2020. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/89ec0c1b18b88b2e1b5ad7123becb548.pdf. Acesso em: 26 ago. 2021.

MALHEIROS, Glícia Campanharo; FREIXO, Hugo de Oliveira; ABREU, Maria de Oliveira Wilken. CORRELAÇÃO DA PRIMIPARIDADE DE MÃES ADOLESCENTES COM SUAS FILHAS ADOLESCENTES GRÁVIDAS. **Revista Científica da FMC**, v. 12, n. 3, p. 21-26. 2017.

MENEZES, Layla Melize Santos; DELMONDES, Leda Maria; VIEIRA Igor Soares. Demographic-socioeconomic profile and sexual behavior of pregnant adolescents in a city in northeastern Brazil. **Acta Sci - Heal Sci**, v. 38, n. 1, p. 1-7. 2016.

MONTGOMERY, Douglas C; RUNGER, George C. **Estatística aplicada e probabilidade para engenheiros**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Livros Técnicos e Científicos, c2009. xii. 464p.

OMS – Organização Mundial de Saúde. **Fact sheets - Adolescent Mental Health**. 2020.

Disponível em:

<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-mental-health>. Acesso em: 26 ago. 2021.

OPS - Organización Panamericana de la Salud. **Acelerar el progreso hacia la reducción del embarazo en la adolescencia en América Latina y el Caribe**. 2018. Disponível em:

https://www.unicef.org/lac/media/1336/file/PDF_Acelerar_el_progreso_hacia_la_reduccion_del_embarazo_en_la_adolescencia.pdf. 2018. Acesso em: 30 ago. 2021.

ORUKO, Kelvin; NYOTHACH, Elizabeth, ZIELINSKI-GUTIERREZ, Emily, MASON, Linda; ALEXANDER, Kelly; VULULE, John; LASERSON, Kayla F; PHILLIPS-HOWARD, Penelope A. 'He is the one who is providing you with everything so whatever he says is what you do': A Qualitative Study on Factors Affecting Secondary Schoolgirls' Dropout in Rural Western Kenya. **PLoS ONE**, v. 10, n. 12, p. 1-14. e0144321. 2015. Disponível em:

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4670214/pdf/pone.0144321.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021.

PETRONI, Suzanne; STEINHAUS, Mara; FENN, Natacha Stevanovic; STOEBENAU Kirsten; GREGOWSKI, Amy. New Findings on Child Marriage in Sub-Saharan Africa. **Ann Glob Heal**, v. 3, n. 5-6, p. 781 - 790. 2017. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/320406033_New_Findings_on_Child_Marriage_in_Sub-Saharan_Africa/link/5a0b1719aca2721a23f99e2f/download. Acesso em: 30 ago. 2021.

ROUQUAYROL, Maria Zélia; SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. **Epidemiologia & Saúde**. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Medbook, 2017. 744p.

SILVA FILHO, Raimundo Barbosa; ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. Evasão e abandono escolar na educação básica do Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. **Educação por Escrito**, Porto Alegre, RS, v. 8, n. 1, p. 35-48, jan./jun. 2017. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/24527/15729>. Acesso em: 09 set. 2021.

SOUSA, Carolina Rodrigues de Oliveira; GOMES Keila Rejane Oliveira; SILVA, Kamila Cristiane de Oliveira; MASCARENHAS, Márcio Dênis Medeiros; RODRIGUES, Malvina Thaís Pacheco; ANDRADE, Jesusmar Ximenes, *et al.* Fatores preditores da evasão escolar entre adolescentes com experiência de gravidez. **Cad Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, RJ, v. 26, n. 2, p. 160-169. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cadsc/v26n2/1414-462X-cadsc-26-2-160.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021.

TIMÆUS, Ian M; MOULTRIE, Tom A. Teenage Childbearing and Educational Attainment in South Africa. **Stud Fam Plann**, v. 46, n. 2, p. 143-160. 2015. Disponível em: <https://blogs.lshtm.ac.uk/iantimaeus/files/2012/04/Timaeus-Moultrie-Teenage-Childbearing.pdf>. Acesso em: 9 set. 2021.

TWINE, Rhian; KAHN, Kathleen; SCHOLTZ, Alesandra; NORRIS, Shane A. Involvement of stakeholders in determining health priorities of adolescents in rural South Africa. **Glob Health Action**, v. 9: 29162. P. 1-9. 2016.

UNFPA - United Nations Population Fund. **UNFINISHED BUSINESS** - The pursuit of rights and choices FOR ALL. 2019. Disponível em: https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/UNFPA_PUB_2019_EN_State_of_World_Population.pdf. Acesso em: 09 set. 2021.

UNFPA - United Nations Population Fund. **What we do Juventude**. 2021. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/pt-br/topics/juventude>. Acesso em: 26 ago. 2021.

VIEIRA, Elisabeth Meloni; BOUSQUAT, Aylene; BARROS, Cláudia Renata dos Santos; ALVES, Maria Cecília Goi Porto. Adolescent pregnancy and transition to adulthood in Young users of the SUS. **Rev Saúde Pública**, v. 51, n. 25, p. 1-11. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v51/0034-8910-rsp-S1518-87872016050006528.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021.

Autores

Rogevando Rodrigues Nunes

Doutor em Saúde Coletiva (Unifor). Médico. Professor do curso de graduação em Medicina da Unifor. ORCID: 0000-0002-6025-1480.
E-mail: rogevando@hotmail.com

Elaine Saraiva Feitosa

Doutora em Saúde Coletiva (Unifor). Médica. Professora do curso de graduação em Medicina da Unifor. ORCID: 0000-0003-3006-4710.
E-mail: elainesfeitosa@gmail.com

Ana Maria Fontenelle Catrib

Doutora em Educação (UFBA). Pedagoga. Professora do PPG em Saúde Coletiva da Unifor. ORCID: 0000-0002-2088-0733.
E-mail: catrib@unifor.br

Aline Veras Morais Brilhante

Doutora em Saúde Coletiva (UNIFOR). Médica. Professora do PPG em Saúde Coletiva da Unifor. ORCID: 0000-0002-3925-4898
E-mail: alineveras@unifor.br

Zélia Maria de Sousa Araújo Santos

Doutora em Enfermagem (UFC). Enfermeira. Professora do PPG em Saúde Coletiva da Unifor. ORCID: 0000-0002-5824-0723.

E-mail: zmsas2011@gmail.com